

DIA DA INDÚSTRIA

GAZETA DO SUL/Sábado e domingo, 24 e 25 de maio de 2025

A engrenagem que move o País

A indústria desempenha um papel estratégico no fortalecimento de todo o setor produtivo brasileiro, especialmente com seus investimentos em tecnologia e inovação.



ARTIGO

O desafio silencioso do RS: Como a falta de talentos freia a indústria gaúcha

Em um cenário de contínua mutação econômica e tecnológica, o Rio Grande do Sul, com sua robusta tradição industrial, enfrenta um de seus mais complexos desafios: a escassez de talentos. Esse não é um problema ruído, que irrompe nas manchetes, mas uma corrente subterrânea que mina o potencial de crescimento e a vitalidade das empresas que formam a espinha dorsal da economia gaúcha. É um dilema que se revela na busca infrutífera por profissionais qualificados e que já lança sombras sobre o desenvolvimento do Estado.

Os números recentes servem como alerta. A Federação das Indústrias do Estado do Rio Grande do Sul (Fiersg), em sua sondagem de março de 2025, destacou que a falta de mão de obra qualificada alcançou 30% das indústrias – patamar não visto há uma década. Esse dado, que posiciona o problema como o quarto maior entrave para o setor – atrás apenas da carga tributária, taxa de juros e da demanda –, indica que a capacidade de produção é diretamente afetada pela lacuna de habilidades.

“As origens dessa escassez são multifacetadas, refletindo questões estruturais e demográficas. Há uma distância evidente entre a formação oferecida pelas instituições de ensino e as demandas rápidas e dinâmicas do mercado de trabalho

Setores-chave sentem o peso dessa realidade. A Tecnologia da Informação (TI), motor de inovação e competitividade, vive uma disputa por seus profissionais, com a demanda superando em muito a oferta. Na indústria, a dificuldade de encontrar engenheiros, técnicos de manutenção e operadores especializados (soldagem e automação, por exemplo) tem gerado atrasos e elevado os custos. A jornada rumo à Indústria 4.0, que exige novas competências digitais, é freada pela ausência de profissionais capacitados.

As origens dessa escassez são multifacetadas, refletindo questões estruturais e demográficas. Há uma distância evidente entre a formação oferecida pelas instituições de ensino e as demandas rápidas e dinâmicas do mercado de trabalho. O Senai-RS, por exemplo, projeta a necessidade de qualificar quase 957,8 mil profissionais

até 2027 para atender a indústria gaúcha, reforçando a urgência de uma ponte sólida entre academia e setor produtivo.

A dinâmica demográfica também contribui: embora o mercado gaúcho tenha mostrado sinais de expansão no quarto trimestre de 2024, ele revela concentração no ingresso de jovens (até 24 anos) e retração no contingente de trabalhadores mais experientes. Isso sugere um desafio na reposição de profissionais com vivência e qualificações maduras. Além disso, profissionais altamente capacitados são atraídos por propostas mais competitivas e horizontes de carreira em outras regiões ou no exterior. Por fim, embora haja reconhecimento crescente da importância da requalificação, a pesquisa “Escassez de Talentos 2025” da ManpowerGroup (de 2024) aponta que só 40% das empresas brasileiras planejam investir em *upskilling* e *reskilling*, indicando um caminho a percorrer para que a capacitação seja prioridade estratégica.

Os efeitos dessa escassez são tangíveis: perda de competitividade, aumento dos custos operacionais e potencial desaceleração na inovação e expansão. A médio e longo prazo, preencher vagas essenciais pode frear o desenvolvimento socioeconômico do Estado. Para mitigar esse cenário, a colaboração entre governo, setor produtivo e instituições de ensino é essencial.

Estratégias como a aproximação entre empresas e escolas, investimento massivo em programas de capacitação e requalificação, e a criação de ambientes de trabalho mais atrativos e inclusivos são passos fundamentais. A escassez de talentos é, em sua essência, um convite à reflexão e à ação. O Rio Grande do Sul tem a oportunidade de transformar esse desafio em catalisador para um futuro onde educação e trabalho estejam em plena sintonia, garantindo não só a prosperidade industrial, mas também o desenvolvimento integral de sua gente.

Luiz Carlos Motta Nunes
CEO da Excelsior Alimentos

Divulgação/GS



Indústria, a base para o desenvolvimento do País

O Dia da Indústria no Brasil é comemorado neste domingo e é uma data importante para celebrar e refletir sobre o papel fundamental que o setor industrial desempenha na economia do País. A data escolhida para a comemoração foi em homenagem ao patrono da indústria no Brasil, Robert Simonsen. Engenheiro, industrial, administrador, professor, historiador, político, membro da ABL (Academia Brasileira de Letras), presidente da CNI e da Federação das Indústrias do Estado de São Paulo (Fiesp), Simonsen faleceu nessa data em 1948.

A indústria brasileira é responsável por gerar empregos, impulsionar o desenvolvimento tecnológico e contribuir para o crescimento econômico. Ela ajuda a diversificar a produção nacional, reduzindo a dependência de importações e fortalecendo a competitividade do Brasil no cenário global. Além disso, promove inovação, melhora a qualidade de vida da população e é um motor de transformação social. Celebrar o Dia da Indústria é uma oportunidade de reconhecer o esforço de trabalhadores e empresários que fazem do setor uma peça-chave para o progresso do Brasil.

Em 2024, a Indústria foi responsável por cerca de 24,7% do PIB brasileiro. Os dados mais recentes também mostram que o setor industrial responde por 69,3% das exportações brasileiras de bens e serviços. O setor industrial também foi responsável por 66,4% do investimento empresarial em pesquisa e desenvolvimento e por 33% da arrecadação em tributos federais. Além disso, o setor empregou 11,5 milhões de trabalhadores formais, o que correspondeu a 21% do emprego formal do Brasil. (Fonte: Portal da Indústria)



excelsior
ALIMENTOS

**celebramos mais
do que resultados.
celebramos pessoas.**

25 maio dia da indústria



Impulsionada pelo tabaco, indústria gaúcha tem o melhor desempenho em vendas no ano

Com volume financeiro de vendas de R\$ 45,1 bilhões em março – o melhor desempenho em 2025 –, a indústria gaúcha apresentou crescimento de 3,6% em relação a fevereiro. No acumulado dos últimos 12 meses (de abril de 2024 a março de 2025, comparado com o mesmo período anterior), a alta foi de 2,2%, dado que sinaliza consistência na atividade industrial do Estado.

No recorte trimestral, o setor assinalou crescimento de 3,4% na comparação das vendas em janeiro, fevereiro e março deste ano com o mesmo trimestre do ano passado. Já em relação ao trimestre imediatamente anterior (outubro, novembro e dezembro de 2024), o segmento teve queda de 13,8%, que pode ser explicada pela base de comparação elevada, pois os últimos meses do ano passado ainda refletiam a forte recuperação pós-enchente.

Os dados sobre as vendas, compras e investimentos em bens de capital dos setores produtivos gaúchos estão no mais recente Boletim Setorial

da Secretaria da Fazenda (Sefaz). Elaborado pela Receita Estadual, o levantamento tem como base a circulação de mercadorias sujeitas à incidência do ICMS no Estado, a partir dos documentos fiscais recolhidos pelo fisco gaúcho. A íntegra do boletim pode ser acessada na Revista RS360.

Na análise do desempenho por área, destaque para a indústria do tabaco, que registrou aumento de 17,9% nas vendas nos últimos 12 meses – incremento de R\$ 2,7 bilhões nas comercializações do período. O segmento de eletroeletrônicos também teve um desempenho sólido, com crescimento de 14%, equivalente a um aumento de mais de R\$ 1,8 bilhão nos últimos 12 meses. Depois aparece a indústria de combustíveis, cuja alta das vendas foi de 7% no mesmo intervalo.

Considerando o volume de investimento em bens de capital registrado pela indústria, a perspectiva para os próximos meses é positiva. Dentre as 17 áreas analisadas, somente cinco não registraram crescimento.

Destaque para a indústria de combustíveis, que aportou mais de



R\$ 380 milhões em máquinas e equipamentos para produção nos últimos 12 meses – alta de 121%. O setor de papel também teve um aumento robusto, com alta de 112% nos aportes em bens de capital. A maior elevação em valores brutos

ocorreu na indústria metalomecânica, que somou R\$ 4,1 bilhões nos últimos 12 meses.

Os setores comerciais do RS também registraram crescimento das vendas em março, de acordo com o boletim. O varejo movimentou R\$

20,8 bilhões no mês – o maior volume em 2025 – e acumulou alta de 6% nos últimos 12 meses. Já o atacado, com R\$ 18 bilhões em vendas no mês, registrou aumento de 4,5% nas comercializações no período.

Fonte: Governo do Estado do RS

BAT
BRASIL

A união entre o
campo e a indústria
é a força que nos move.

No Dia do Trabalhador Rural e no Dia da Indústria,
celebramos a parceria que impulsiona nosso futuro.
A expertise do trabalhador rural, fruto da tradição
passada por gerações, e a inovação da indústria
são a base da nossa jornada.

Juntos, seguimos construindo
Um Amanhã Melhor.

BATUCA



FRANTZ

Soluções em peças industriais, agrícolas e automotivas

25 de maio - Dia da Indústria

☎ 51 3713-1006 | 51 98430-0158 📍 Travessa Érico Veríssimo 156

Freepik/Divulgação/GS



Produção industrial tem maior crescimento anual em 3 anos

A produção industrial do Brasil cresceu 3,1% em 2024 em comparação com o ano anterior. Esse foi o melhor desempenho anual desde 2021, segundo pesquisa do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE). O setor está 1,3% acima do patamar pré-pandemia de Covid-19, em fevereiro de 2020, mas encontra-se 15,6% abaixo do nível recorde alcançado em maio de 2011.

FRETAMENTO EMPRESARIAL:

A solução eficiente para o transporte de seus colaboradores!

- Entre em contato conosco -

SANTA CRUZ



(51) 3719 9202



atendimento@santacruzbus.com.br

As principais influências positivas na indústria em 2024 foram de:

veículos automotores, reboques e carrocerias (+12,5%);
equipamentos de informática, produtos eletrônicos e ópticos (+14,7%);
máquinas, aparelhos e materiais elétricos (+12,2%);
produtos alimentícios (+1,5%);
produtos químicos (+3,3%).

Por outro lado, o IBGE calculou que as seguintes atividades tiveram os maiores impactos negativos:

Produção, manutenção, reparação e instalação de máquinas e equipamentos (-2,1%);
Produtos farmoquímicos e farmacêuticos (-1,2%).

Entre as grandes categorias econômicas, os bens de consumo duráveis tiveram alta de 10,6% em 2024. Houve maior produção de eletrodomésticos no País (+23,8%) e automóveis (+5,3%). Os bens de capital subiram 9,1%, puxados por equipamentos de transporte (+18,2%), bens de capital para fins industriais (+8,2%) e de uso misto (+19,4%).

Os grupos, ramos e atividades são definidos pelo IBGE. Os bens intermediários tiveram uma alta menor, de 2,5%. Os bens de consumo semi e não duráveis cresceram 2,4%. Ambos tiveram avanços menos acentuados do que o verificado na média da indústria (+3,1%).

Entre as grandes categorias econômicas, os bens de consumo duráveis tiveram alta de 10,6% em 2024. Houve maior produção de eletrodomésticos no País (+23,8%) e automóveis (+5,3%). Os bens de capital subiram 9,1%, puxados por equipamentos de transporte (+18,2%), bens de capital para fins industriais (+8,2%) e de uso misto (+19,4%). Os grupos, ramos e atividades são definidos pelo IBGE.

Os bens intermediários tiveram uma alta menor, de 2,5%. Os bens de consumo semi e não duráveis cresceram 2,4%. Ambos tiveram avanços menos acentuados do que o verificado na média da indústria (+3,1%).

Fonte: Poder 360

Quando o agro encontra a indústria

No Brasil, especialmente no Rio Grande do Sul, há um setor onde o agro e a indústria se encontram de forma exemplar: a cadeia produtiva do tabaco. As indústrias são responsáveis por mais de 40 mil empregos diretos, e suas exportações alcançaram quase US\$ 3 bilhões em 2024. Apenas nos primeiros quatro meses de 2025, o tabaco liderou as exportações gaúchas, com mais de US\$ 900 milhões embarcados, superando produtos como carne de frango, cereais e farelo de soja.

A expectativa para 2025, segundo aponta pesquisa encomendada pelo SindiTabaco junto à consultoria Deloitte, é de um crescimento entre 10,1% e 15% nas exportações em relação ao ano anterior. Segundo Valmor Thesing, presidente do SindiTabaco, o avanço representa não apenas números, mas oportunidades concretas para mais de 200 municípios gaúchos produtores de tabaco, que encontram na atividade uma de suas principais fontes de desenvolvimento.

Cidades como Santa Cruz do Sul e Venâncio Aires, no centro do Estado, abrigam o maior complexo mundial de processamento de tabaco. Suas indústrias estão entre as mais tecnológicas do mundo, utilizando equipamentos de ponta e garantias ISO. Empregam de forma direta mais de 40 mil pessoas e movimentam outros milhares de empregos indiretos na cadeia de suprimentos. Já a matéria-prima que abastece as linhas de produção emprega outras 626 mil pessoas no campo, em mais de 500 municípios.

"Neste Dia da Indústria, celebramos a capacidade de unir o agro e a indústria em uma parceria que transforma vidas, movimenta economias locais e posiciona o País como líder global", celebra Thesing, que representa o sindicato que congrega 14 indústrias de tabaco.

Divulgação/GS



Desafios e diálogo

Thesing destaca o desafio de alinhar o protagonismo do Brasil como segundo maior produtor e maior exportador de tabaco do mundo com o cenário regulatório atual, como no caso da proibição dos dispositivos eletrônicos para fumar (DEFs).

Para ele, regulamentar esse novo mercado global é olhar com responsabilidade para o futuro da cadeia produtiva no País, aproveitando estruturas industriais já con-

solidadas e garantindo a continuidade de um modelo que combina eficiência e renda.

"Defender a regulamentação desse segmento é, acima de tudo, garantir que os produtores brasileiros tenham espaço nesse novo modelo de negócios. O futuro da nossa cadeia produtiva passa pela capacidade de inovação, adaptação e diálogo com a sociedade e com os órgãos reguladores", frisa o executivo.

Quando o Agro ENCONTRA A INDÚSTRIA, NASCE UM SETOR QUE MOVIMENTA O BRASIL

No coração do campo,
o cultivo dedicado do tabaco.

Na linha de produção, tecnologia,
inovação e empregos.

Da semente à exportação,
o setor do tabaco é exemplo
de uma cadeia produtiva
integrada, que transforma o
trabalho do agricultor em
desenvolvimento para milhares
de famílias e cidades.



Guideline



CNI projeta crescimento de 2% da indústria para este ano



A indústria brasileira, que teve papel de destaque no crescimento econômico de 2024, deve desacelerar em 2025 diante de um cenário mais restritivo para crédito, menor estímulo fiscal e taxa de juros elevada. É o que aponta o Informe Conjuntural divulgado pela Confederação Nacional da Indústria (CNI), que prevê expansão de 2% do PIB industrial neste ano – o que representa 1,3 ponto percentual abaixo do ritmo de 2024, que registrou 3,3% de crescimento.

O documento destaca que no ano passado o setor de manufatura foi impulsionado por fortes altas no consumo das famílias e investimentos, que sustentaram uma demanda elevada por bens industriais.

O resultado foi um crescimento de 3,8% no PIB da Indústria de transformação. No entanto, acrescenta a CNI, os sinais de desaceleração já eram visíveis no fim de 2024: o avanço do setor caiu para 0,8% no quarto trimestre, após altas de 1,3% e 2,1% nos trimestres anteriores.

Parabéns às indústrias de
nossa região, motores
do progresso e inovação!

Juntos
produzimos mais!



Projetos
Corporativos



Execução
de obras



Manutenção e
Revitalização



Adequação
e Reforma



Praticidade, agilidade e segurança. Tudo em
um só lugar para atender ao seu projeto.



Leia o
QR Code e
saiba mais.

Perda de fôlego na indústria

O início de 2025 reforça essa perda de fôlego na indústria. Dados da Pesquisa Industrial Mensal – Produção Física (PIM-PF), do IBGE, mostram que a produção da indústria recuou 1,3% no acumulado dos últimos cinco meses. Apenas janeiro teve variação positiva, com crescimento nulo.

A CNI atribui esse desempenho à combinação de fatores como alta dos juros, inflação persistente e depreciação cambial que encarece os insumos e reduz a competitividade industrial. A entidade também diminuiu de 2,4% para 2,3% a projeção de crescimento do Produto Interno Bruto (PIB) do País como um todo.

“Reduzimos um pouco a projeção de crescimento para esse ano, porque a desaceleração da economia está sendo mais forte do que a CNI esperava e o Banco Central dá sinais de que vai elevar ainda mais a taxa Selic”, afirma o diretor de Economia da CNI, Mário Sérgio Telles.

A expectativa para o restante do ano é de crescimento moderado, com avanço de só 1,9% no PIB da indústria de transformação. O dado representa a metade do crescimento do setor em 2024. As expectativas mais baixas também carregam as incertezas do ambiente internacional e a possibilidade de aumento da concorrência com produtos importados.

DETALHES DA PROJEÇÃO DA CNI PARA 2025

- ▶ **PIB:** crescimento de 2,3%
- ▶ **Indústria:** crescimento de 2%
- ▶ **Indústria de transformação:** Crescimento de 1,9%
- ▶ **Construção civil:** Desaceleração, passando de 4,3% em 2024 para 2,2% em 2025
- ▶ **Indústria extrativa:** crescimento de 1%
- ▶ **Agropecuária:** recuperação, com crescimento estimado de 5,5%
- ▶ **Demanda externa:** desaceleração

Fonte: Exame economia



ARTIGO

Indústria do futuro: excelência operacional começa com pessoas

Em um cenário em que a produtividade, a eficiência e a inovação tecnológica ocupam o centro das estratégias industriais, um aspecto essencial vem ganhando espaço nas organizações que buscam diferenciação real e sustentável: a liderança servidora.

Longe de ser um conceito abstrato, essa forma de liderar está na base de transformações profundas que vêm acontecendo no chão de fábrica. Em vez do modelo tradicional e hierárquico, que centraliza decisões e impõe metas de cima para baixo, a liderança servidora aposta na escuta ativa, na eliminação de barreiras e no empoderamento das pessoas que mais conhecem os processos:

os operadores e as operadoras.

É esse movimento que tem sustentado, por exemplo, a implementação do sistema IWS (Sistema de Trabalho Integrado, em português). Trata-se de uma nova maneira de trabalhar, baseada em três pilares poderosos: a mentalidade de perda zero, o sentimento de protagonismo e a unidade na busca de resultados, quando todos atuam como time.

A lógica é simples: toda perda – seja de tempo, de insumos ou de padrão – é uma oportunidade de aprendizado. Isso só é possível quando o ambiente estimula a autonomia e o protagonismo das equipes, com padrões claros,

disciplina operacional e espaços genuínos de escuta. O que significa “não ignorar as falhas”, mas reconhecê-las como parte do processo de melhoria contínua.

Mas a excelência não se alcança apenas com processos bem definidos. Ela depende, principalmente, do desenvolvimento de pessoas. Investir na qualificação técnica, criar ciclos de autoava-

liação, promover a transferência de conhecimento e reconhecer quem gera valor são atitudes que transformam a rotina produtiva. É no dia a dia que se constroem times mais preparados e motivados, capazes de operar com foco em resultados e responsabilidade compartilhada.

Outro ponto fundamental é a adoção inteligente da tecnologia. Com equipamentos conectados a hubs analíticos, hoje é possível extrair dados precisos sobre desempenho, perdas, paradas e eficiência. E nosso setor também tem adotado tecnologias para otimizar a produção: aqui na Japan Tobacco International (JTI), onde investimentos em automação, análise preditiva e digitalização de operações, isso tem permitido ganhos de eficiência e qualidade. E, mesmo com o suporte tecnológico, a base de tudo continua sendo humana: interpretar, agir e melhorar exige gente preparada e consciente do seu papel.

Essa visão integrada – que une tecnologia, cultura de excelência e liderança servidora – não é apenas uma diretriz interna. Ela gera impacto direto nos stakeholders, especialmente na comunidade local, nos parceiros, nas universidades e nos fornecedores. Quando se cria um ambiente de aprendizado contínuo e colaboração, todos ganham: a indústria se torna mais sustentável, os profissionais crescem e a sociedade se fortalece.

A jornada começou. E como toda boa jornada, ela se constrói com passos consistentes, com clareza de propósito e com uma pergunta simples, mas poderosa: o que precisamos fazer hoje para que o amanhã seja melhor?

Juliano Zuege
Líder da fábrica de cigarros da JTI



Economia circular

Pesquisa da Confederação Nacional da Indústria (CNI) e do Centro de Pesquisa em Economia Circular da Universidade de São Paulo (USP), produzida em 2024 junto à base industrial, revelou que 85% das indústrias no Brasil desenvolvem pelo menos uma prática de economia circular – sistema em que o modo de produção é redesenhado para permitir um fluxo circular dos recursos, minimizar os resíduos e contribuir para o desenvolvimento sustentável. A pesquisa ouviu 253 indústrias de transformação e construção entre 17 de maio e 30 de julho de 2024.

Ao implementar práticas circulares, 68% dos empresários afirmaram que as medidas contribuem para a redução de gases de efeito estufa e, consequentemente, para o combate às mudanças climáticas.

Para o diretor de Relações Institucionais da CNI, Roberto Muniz, as práticas contribuem para uma transição para a economia de baixo carbono. “É menos emissão de gases de efeito estufa, menor extração de novos recursos, melhor uso de energia. Então, as empresas reduzem a pegada de carbono da atividade industrial e evitam agravar outras questões, como a redução da vida útil dos aterros”, avalia Muniz.



ALGUMAS PRÁTICAS ADOTADAS NAS INDÚSTRIAS:

- ▶ 50% têm programas de sustentabilidade
- ▶ 42% criam produtos que podem ser recuperados
- ▶ 42% substituem material virgem por reciclado
- ▶ 40% desenvolvem produtos com aumento de durabilidade
- ▶ 40% fazem reuso de efluentes tratados na produção
- ▶ 31% fazem reciclagem
- ▶ 26% praticam logística reversa

Fonte: Portal da Indústria



**Construindo um
futuro no qual
pessoas e negócios
prosperam juntos.**

Dia da Indústria • 25 de maio



Fiergs destaca a importância de parcerias e inovação para reconstrução

Um evento marcado por diálogo, troca de experiências e disseminação de informações estratégicas sobre temas relevantes para o setor industrial, como inovação, internacionalização, crédito e políticas públicas de apoio à reconstrução econômica. Assim foi a quarta edição do Impulsionando a Indústria Gaúcha realizada na última semana pelo Sistema Fiergs, em formato presencial inédito. Com três

painéis na programação, a iniciativa reuniu representantes da entidade, especialistas e empresários para debater os caminhos para o aumento da competitividade das pequenas e médias empresas.

O presidente do Sistema Fiergs, Claudio Bier, apontou que o aumento da produtividade nas pequenas indústrias ainda é um dos maiores desafios do Rio Grande do Sul. Destacou que o foco da entidade é estar

cada vez mais perto dessas empresas, oferecendo instrumentos e soluções práticas para impulsionar seus resultados.

“Das 52 mil indústrias gaúchas representadas pela Fiergs e pelos 107 sindicatos industriais filiados a nossa federação, 87% são de pequeno porte. Ou seja, melhorar a eficiência dessas empresas é essencial para elevar toda a economia do Estado”, enfatizou Bier.

Ações para a recuperação

O primeiro painel abordou as principais ações de apoio e medidas emergenciais para a recuperação econômica do Estado. O diretor do Sistema Fiergs e coordenador do Conselho de Assuntos Tributários, Legais e Cíveis (Contec), Rafael Sacchi, destacou que a entidade é, historicamente, uma parceira do governo do Estado para a elaboração de iniciativas voltadas ao desenvolvimento da indústria.

“A indústria gaúcha representa aproximadamente 55% de toda a arrecadação de ICMS do Estado. Então, quando sofremos esse baque de perda física de unidades de produção devido às enchentes, precisávamos de alguma forma reestabelecer uma condição de normalidade no Estado. E não fazemos isso sozinhos, tem que ter a participação do governo e entidades de crédito privadas”, disse Sacchi, que também é presidente do Sindicato da Indústria de Pavimentação de Estradas, Pavimentação e Obras de Terraplanagem em Geral (Sicepot-RS).

O secretário estadual de Desenvolvimento Econômico, Ernani Polo, comentou que o trabalho conjunto com as federações e outras entidades é fundamental para que objetivos comuns se alcancem de forma mais rápida. Ressaltou que a atual condição de estabilidade fiscal do Rio Grande do Sul “permite a realização de medidas para aumentar a competitividade das empresas e melhorar as condições de negócios”.

Como exemplo, Polo citou o Fundo Operação Empresa do Rio Grande do Sul (Fundopem/RS), um instrumento de parceria entre o governo do Estado e a iniciativa privada, que pode ser acessado por indústrias de todos os portes, e o Fundopem Recupera – programa de incentivo fiscal criado para ajudar empresas afetadas por eventos climáticos. Durante o mesmo painel, Bier propôs ao secretário a criação de uma parceria para promover o acesso ao fundo por pequenas e médias empresas.

Na sequência, o subsecretário da Receita Estadual, Ricardo Neves, apresentou dados sobre o impacto da enchente de maio de 2024 nas operações e no faturamento das empresas e as medidas que tomadas para apoiá-las, como a prorrogação do prazo de pagamento do ICMS e do Simples Nacional.



Presidente do Sistema Fiergs (à esquerda) recebeu convidados para dialogar a respeito de temas relevantes para o setor industrial na última semana

Programa de internacionalização Fronteira RS Global

O último painel do evento reuniu quatro especialistas para apontar a importância da internacionalização e como pequenas e médias indústrias podem expandir seus mercados. O professor de graduação e pós-graduação da Escola de Negócios da PUCRS, Adroaldo Lazzarotto, comentou a necessidade de mudar o olhar para identificar novas oportunidades de crescer e detalhou as fases da internacionalização.

Marlise Alves da Silva, analista técnica especializada em Promoção de Negócios Internacionais do Sistema Fiergs, anunciou o lan-

camento do novo Programa de Internacionalização Fronteira RS Global da entidade, que vai atender 15 pequenas e médias empresas gaúchas durante 18 meses, de forma personalizada e com foco nas exportações. Serão cinco vagas para o setor de alimentos, cinco para bebidas e cinco para metalmeccânica.

O painel teve ainda a apresentação de dados e ferramentas úteis para identificar oportunidades de exportação, pela analista sênior de Inteligência Comercial do Sistema Fiergs, Marina Finestralli.

Por fim, o painel contou com a participa-

ção do engenheiro eletrônico e proprietário da Schalter Tecnologia, Valtuir Fraga Caetano, que compartilhou a jornada de internacionalização de sua empresa, fundada em 1991.

No turno da tarde, o evento contou com uma rodada de crédito exclusiva para conversar diretamente com agentes financeiros como Badesul, Banco do Brasil, Banrisul, BRDE, Caixa, Finep, Sicredi e Senai (B+P), com orientações sobre crédito, condições de financiamento e oportunidades de investimento para pequenas e médias indústrias.

Aproximação com empresários

A edição presencial inédita do Impulsionando a Indústria Gaúcha também serviu para aproximar o Sistema Fiergs de empresários que ainda não tinham participado de eventos da entidade. É o caso de Antônio Pasa Júnior, diretor comercial da Robustec, empresa que produz componentes para os segmentos agrícola, rodoviário e avícola há 23 anos.

O diretor comercial da empresa de médio porte contou que fi-

cou sabendo do evento pelas redes sociais da Fiergs “Já fazia um tempinho que eu queria participar, conhecer e me aproximar um pouco mais da Fiergs, e aí coincidiu de vir para esse evento. Nossa ideia é buscar cada vez mais conhecimento, contatos e entender o que as outras empresas estão fazendo, como as entidades e o governo podem apoiar a indústria”, ressaltou Pasa, que foi recepcionado pelo presidente do Sistema Fiergs.

Inteligência artificial

O segundo painel abordou *O papel da Inteligência Artificial na reconstrução e competitividade da indústria*, com a participação do pesquisador-chefe do Instituto Senai de Inovação em Sistemas de Sensoriamento de São Leopoldo, Leonardo Zannetti Rocha, e do engenheiro e proprietário da vinícola Casa Tertúlia, Gabriel Hilgert.

Rocha explicou o que é inteligência artificial (IA) e como ela pode ser aplicada na indústria, com a ajuda dos institutos do Senai. “Nossa rede de institutos atua com pesquisa, desenvolvimento e inovação, com consultorias tecnológicas, serviços metrológicos e certificação de produtos. Os institutos de inovação já fizeram mais de 50 mil atendimentos à indústria de 2018 até hoje e estão rodando 64 projetos”, detalhou.

Por sua vez, Hilgert esclareceu como sua empresa desenvolveu um vinho com a ajuda da IA e como a tecnologia pode ser aplicada em diferentes negócios.